



III FÓRUM DE
EDUCAÇÃO
Região Metropolitana
do Vale do Paraíba



III CONISE
III Congresso Internacional
Salesiano de Educação



4º Seminário
PIBID

Direitos Humanos e Formação de Professores:
tensões, desafios e propostas



CARTAS ENTRE DOIS MUNDOS

Autora: Maria Isabel Baptista Barbosa de Oliveira
Orientadora Profa. Dra. Valéria de Oliveira Vasconcelos

“A carta é um escrito que alguém envia a um ausente para lhe fazer ouvir seus pensamentos”. Antoine Furetière, romancista francês do século XVII

UMA FOLHA DE PAPEL, VOZES E SENSAÇÕES.

MEMORIAL

Sinto a areia nos meus pés da praia da Corimba, as palmadas da professora Marli, o gelado do Baleizão, o cheiro da piscina do Alvalade. Um dia, navegando, encontrei na ilha do Mussulo em Luanda, uma chama, me deparei com uma escola simples chamada “Escolinha Pequena Chama”. Guardei esse dado na minha memória e, agora, no programa de Mestrado em Educação Sociocomunitária, essa pequena chama se tornou uma grande luz [...].¹

Á papá okasumwe / olohali vipongoloka”².

CARTAS ENTRE DOIS MUNDOS

Resumo

O presente trabalho trata de uma pesquisa de mestrado em Educação em andamento e tem como premissas a troca de conhecimentos, de inquietações, desejos e curiosidades, mediante cartas entre dois universos sociais e escolares distintos: crianças de Ensino Fundamental I em uma cidade do interior de São Paulo e em Luanda/Angola. A pesquisa tem como base metodológica a Pesquisa-participante e tem como objetivos: elaborar proposta de interação entre alunos dessas escolas por meio de troca de cartas;

¹ Trecho extraído do Memorial da pesquisa

² Dialeto umbundo. Tradução: Ah papai, não fique triste / esse sofrimento passa.

analisar o conteúdo dessas cartas tendo em vista alguns temas geradores (alteridade; cultura; relações sociais; educação; mitos; espiritualidade; entre outros); partilhar os resultados entre as crianças participantes. A partir desse encontro esperava-se construir novos conhecimentos e dirimir possíveis preconceitos. Os resultados esperados são o encontro entre dois universos distintos e a partir de um estranhamento inicial, o nascimento da alteridade.

Palavras-Chave: Cartas. Vozes de crianças. Relações sociais. Educação Popular.

Gênero carta

A carta está entre os gêneros discursivos primários, que se formam nas condições da comunicação discursiva imediata, concreta. “Ora, a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua”. (BAKHTIN, 2010, p.268)

Roland Barthes (1987), escritor e sociólogo, em sua obra, “O prazer do texto”, define a prática de escrever cartas como um espaço de apresentação da particularidade, da pessoalidade, conforme o interesse. “A carta enseja uma experiência que tem ‘sabor’, porque revela/constrói um ‘saber’, simultaneamente, sobre quem escreve e sobre quem lê. Ambos degustam este processo e seu resultado, seus efeitos”. (BARTHES, 1987, p.7)

Para Michel Foucault (1992, p.145), filósofo francês, a carta dá lugar ao exercício pessoal de reflexão e constituição de si mesmo.

[...] a carta enviada atua, em virtude do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como atua, pela leitura e a releitura, sobre aquele que a recebe. Estabelece, assim, uma reciprocidade que concebe a necessidade da ajuda alheia – através de conselhos e ensinamentos – no exercício de reflexão da alma sobre si própria, na mesma medida em que colabora para a realização do mesmo exercício no correspondente. Nesta troca, a correspondência também exerce a função da preparação de si para o mundo.

A presente pesquisa fez-se a partir da troca de conhecimentos, inquietações, desejos e curiosidades, mediante cartas entre dois universos sociais e escolares distintos.

Pesquisa-participante

Para Vasconcelos e Ayala (2016, p.63), pesquisadoras na área de educação, a escolha da metodologia, está interligada com os objetivos da pesquisa.

A metodologia científica representa um caminho estruturado para se concretizar uma dada proposta que, de certa maneira, estará orientada pelas concepções de mundo, de ser humano, de sociedade daqueles envolvidos em sua consecução, além de estar condicionada pelos

momentos históricos e espaços geográficos nos quais ela é posta em prática. A opção metodológica de uma pesquisa demanda, por outro lado, uma afinação entre o aporte epistemológico em que se pautam os pesquisadores envolvidos, os fundamentos teóricos que compõem o seu lastro e os objetivos por cuja realização se trabalha.

Nesse sentido, buscou-se por meio da Pesquisa-participante práticas transformadoras, produção de conhecimento e participação formando crianças pesquisadoras.

A Pesquisa-participante possui um caráter ligado mais à colaboração de todos os envolvidos do que ao levantamento de dados e posterior análise pelo(a) pesquisador(a). Um dos fatores primordiais levados em conta para a escolha do método de pesquisa é justamente: produzir conhecimento, pela participação de todos os comprometidos.

Segundo essas autoras (op.cit., p.65), pela perspectiva da Pesquisa-participante como modalidade da Pesquisa-participante, as pessoas envolvidas passam a ser sujeitos de estudo e não objetos de estudo.

Nessa perspectiva, o papel do(a) pesquisador(a) não será de interferir e sim de mediar o conhecimento em processo dessas crianças.

Mas o que significa estudar a interação de crianças por meio de cartas, o que caracteriza esse tipo de estudo, qual a sua particularidade?

Dentro do corpo da pesquisa virão à tona peculiaridades e singularidades desses dois universos distintos, como por exemplo: os assuntos que os pequenos irão eleger dentro das suas prioridades, o universo temático dessas crianças, a comunicação e o comportamento, que cada um vai expor de si à(ao) outra(o).

Na construção do conhecimento, as práticas educativas desse encontro podem ser concebidas como *Práxis* e *Poiesis*. Segundo Severino (2012), *Práxis*, movimento transformador da realidade educacional pela análise dos resultados e *Poiesis*, o poder da criação na atividade criadora.

Separados pelo Oceano Atlântico, dois continentes: África e América. Uma escola no Brasil, numa cidade do interior do Estado de São Paulo e a outra, em Angola, no interior de uma ilha chamada Mussulo. Duas escolas voltadas para a Educação Fundamental de crianças entre 08 e 10 anos.

Para Sueli Caro (2012), psicóloga, doutora em psicologia social e educação, por se tratar de uma nova área de concentração em pesquisa científica, a Educação Sociocomunitária nasceu da necessidade de envolver a comunidade nas diferentes

esferas ligadas à educação, seja ela formal ou não formal. Já a Educação Popular, segundo Brandão (2006), doutor em Ciências Sociais, é o saber da comunidade subalterna da sociedade desigual, portanto, ambos conceitos voltados aos processos educativos em práticas sociais.

A educação não se limita ao contexto escolar, ela ultrapassa os muros da escola e se encontra com o aluno e seus coeducadores, as mães, os pais, os familiares, vizinhos e vizinhas, entre tantos, no seu ambiente, na sua história, no seu costume; cidadãos e pessoas, unidos no intento de ensinar e aprender.

Pretendemos levantar, junto com as crianças participantes, distintas realidades: culturais, sociais, étnico-raciais e, por meio desses distintos universos, reconhecer na outra pessoa suas peculiaridades e diferenças. É nesse contexto que nasce a alteridade, um dos objetivos da pesquisa.

Para Mia Couto (2005), escritor, biólogo, moçambicano, alteridade é a magia de sermos nós, sendo outros(as), concepção que reafirma o pensamento africano na qual cada um é porque é de todos(as) os outros(as). Esses “outros(as)” não se referem apenas a pessoas, mas também aos lugares que habitam, à escuta de seus processos sociais, suas tradições, enfim as vidas que neles são vividas.

Objetivos

Levantar, junto com as crianças participantes, distintas realidades escolares de Ensino Fundamental I, presentes em uma cidade do interior de São Paulo e em Luanda/Angola; elaborar proposta de interação entre alunos dessas escolas por meio de troca de cartas; analisar o conteúdo dessas cartas tendo em vista alguns temas geradores (alteridade; cultura; relações sociais; educação; mitos; espiritualidade; entre outros); partilhar os resultados entre as crianças participantes.

Metodologia

Para a consecução da pesquisa foram seguidos os seguintes passos: 1) Entrar em contato com uma escola do interior de São Paulo e solicitar permissão para desenvolver a pesquisa nesse espaço educativo; 2) Convidar as crianças de uma sala de ensino fundamental dessa escola para participarem da investigação; 3) Solicitar a permissão das pessoas responsáveis ; 4) Entrar em contato com a escola “Pequena Chama” em Angola e solicitar permissão para desenvolver a pesquisa nesse espaço educativo;

- 5) Convidar as crianças de uma sala de ensino fundamental dessa escola para participarem da investigação;
- 6) Solicitar a permissão das pessoas responsáveis;
- 7) Elaborar estratégias de escrita/troca de cartas junto com as crianças participantes, que serão as responsáveis por elencar as questões geradoras de conversas e partilhas;
- 8) Realizar uma pesquisa de campo na escola do interior de São Paulo em que as crianças participantes escreverão/lerão cartas partilhadas.

Nesses encontros foram desenvolvidas as seguintes atividades: i. Apresentação da pesquisa e convite às crianças a fazer pesquisa junto, tendo como disparadoras questões como: Como aprendeu a fazer o que sabe fazer? O que é pesquisar? Como se faz pesquisa? ii. Identificação de formas de compreensão das crianças sobre o que é pesquisar: (Observação; Experimentação; Arguição; Tentativas e erros, entre outras); iii. (Re) formular Objetivos; iv. Propor novas ações.

No mês de março foi realizada a pesquisa de campo com uma duração mínima de 15 dias na cidade de Luanda/Angola e na escola de Piracicaba.

Para Bakhtin (2009), metaforicamente, palavra é uma ponte lançada entre o sujeito e os outros. Nesse sentido, com a presente pesquisa pretendeu-se construir uma ponte entre África e América do Sul, edificá-la por meio de palavras, aos passos da Antropologia, Educação Sociocomunitária e Educação Popular.

Resultados

Espera-se com a pesquisa contribuir para despertar o interesse dessas crianças pelo desconhecido continente africano e sul-americano, e auxiliar na desconstrução de possíveis estereótipos de ambos os lados, quando o contato com a realidade do outro é limitado.

Pretende-se que o acordar crítico da criança perante a vivência de outra criança, esteja presente. A Educação Popular se pauta no diálogo, no respeito à outra pessoa, na troca de saberes, na alteridade, na visão crítica da realidade e na autonomia e emancipação decorrentes desses atos educativos intencionalmente conduzidos. É nessa perspectiva que pretendemos articular os dados levantados na pesquisa, a partir dos temas e palavras geradoras emergidos das cartas entre as crianças.

Entendemos que essas oportunidades vão surgir decorrentes dos contatos e interações entre as crianças, e pode nos reservar surpresas, o que vai ao encontro de nossas utopias. Como nos ensina Carlos Rodrigues Brandão: "educar é ousar utopias"!

Referências

- ANTÔNIO, Severino. Linguagem e Educação Sociocomunitária. In: BISSOTO, Maria Luísa; MIRANDA, Antônio Carlos. (Org.). *Educação Sociocomunitária tecendo saberes*. Campinas: Alínea, 2012.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p.265.
- BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. De Jacob Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BRANDÃO, Carlos R. *Educar: Ousar Utopias. Da educação cidadã à educação que a pessoa cidadã cria*. Disponível em: <http://institutotear.org.br/ousar-utopias/>. Acesso em 13 de novembro de 2016.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é Educação Popular*. São Paulo, Brasiliense, 2006.
- CARO, Sueli M.P. Educação social e educação sociocomunitária - Novas perspectivas para a educação escolar. In: BISSOTO, Maria Luísa; MIRANDA, Antônio Carlos. (Org.). *Educação Sociocomunitária tecendo saberes*. Campinas: Alínea, 2012.
- COUTO, Mia. *Pensatempos: textos de opinião*. Lisboa: Editorial Caminhos, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *A escrita de si. In: O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992.
- VASCONCELOS, Valéria O.; AYALA, Rita M. Pesquisa-ação e Educação Popular: pertinências e impertinências. In: BISSOTO, Maria Luísa; MIRANDA, Antônio Carlos. (Org.). *Metodologias em educação sociocomunitária*. 1ª. Ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2016, v. 1, p. 63-65.